AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
http://ageconsearch.umn.edu
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE BANANA: UM ESTUDO DE COMPETITIVIDADE NO MERCADO INTERNACIONAL

JOSÉ DE SOUZA NETO; MICHELE QUEIROZ MOURA; JOSE EDNILSON DE OLIVEIRA CABRAL;

EMBRAPA AGROINDUSTRIA TROPICAL

FORTALEZA - CE - BRASIL

jsneto@cnpat.embrapa.br

PÔSTER

COMÉRCIO INTERNACIONAL

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE BANANA: UM ESTUDO DE COMPETITIVIDADE NO MERCADO INTERNACIONAL

Grupo de Pesquisa: Comercio Internacional

1. INTRODUÇÃO

Sendo característica das regiões tropicais, a banana é considerada um dos frutos mais antigos que constam na história da humanidade. Proveniente da Ásia, seu cultivo está hoje concentrado em alguns países da América e no Continente Asiático. Segundo os dados da Food and Agriculture Organizazion (FAO, 2005), em 2002, a produção mundial de banana foi de 98,3 milhões de toneladas métricas, o que mantém sua posição como a fruta mais produzida e consumida no mundo.

Segundo ainda aquela fonte, os dados, revelaram que a produção brasileira em 2004 foi de 6,5 milhões de toneladas, ficando atrás apenas da Índia que despontou com uma produção de 16,8 milhões de toneladas, representando 23,8 % do total produzido mundialmente.

O desempenho das regiões produtoras no Brasil é influenciado por diferenças regionais, incluindo fatores tecnológicos. As regiões Sul e Sudeste foram as que apresentaram os maiores níveis de tecnologia na produção. Os principais pólos produtores de banana no Brasil estão inseridos nas seguintes regiões:Vale do Ribeira (SP), Juazeiro do

Norte (BA), Norte de Minas Gerais e o Norte de Santa Catarina.Esta última apresentou uma grande vantagem quanto ao comércio externo devido à proximidade do mercado (MATTHIESEN, 2003).

Dentre as frutas tropicais a banana é que possui maior inserção no comércio externo sua produção está concentrada em um pequeno número de países onde predomina a comercialização entre os países próximos geograficamente devido as possíveis perdas de qualidade do produto quando ele tem de ficar armazenado durante um longo período até chegar no local de destino (SILVA ,1999).

De um total de 6,4 milhões de toneladas produzidos em 2003 apenas 220 mil foram direcionadas para o consumo externo.(FAO, 2005) A maior parte destas exportações é destinada a dois países da América do Sul: Argentina e Uruguai.No entanto, nos últimos anos, foi notória a conquista de novos mercados que antes não auferiam quase ou nenhuma participação nessas importações, como é o caso da Bélgica e Itália. A Figura 1 representa a evolução da exportação brasileira e as exportações dos dois maiores exportadores mundiais de banana.

Apesar da baixa participação das exportações brasileiras de banana diante do total comercializado mundialmente, dados da MIDIC (2005) permitem concluir que no período compreendido entre 2000 a 2003, o acréscimo obtido no volume exportado ultrapassou 200% , ou seja, em 2000 o Brasil exportou 71,8 mil toneladas, em 2003 esse volume foi de 220,7 mil toneladas o equivalente a 30,1 milhões de dólares (free on board - FOB).

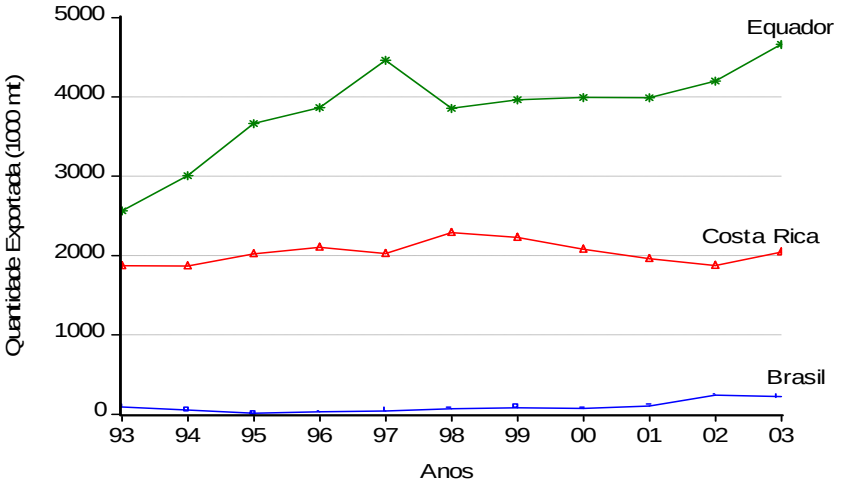

Figura 1. Evolução das exportações do Equador, Costa Rica e Brasil

Dentre os principais importadores da banana produzida nacionalmente destacam-se a Argentina, Uruguai e Reino Unido. A Tabela 1 apresenta os principais importadores do fruto brasileiro e os respectivos rendimentos alcançados pelo Brasil com as exportações no período de 2001 a 2003. A Figura 2 mostra a evolução das exportações brasileiras diante dos principais importadores, a Argentina, principal importador do fruto revela um declínio na sua participação a partir de 2003.

Tabela 1. Exportações brasileiras de banana por país de destino

País de Destino	2001		2002		2003	
	US$ (FOB)	ton	US$ (FOB)	ton.	US$ (FOB)	ton.
Argentina	7.953.801	60.943,0	18.036.321	163.088,0	11.698.951	129.678,9
Uruguai	3.241.858	27.277,7	3.931.229	39.452,2	3.747.394	40.095,5
Reino Unido	4.526.470	15.972,2	9.213.868	30.093,5	7.488.961	25.897,1
Itália	0	0,0	2.216.782	8.218,1	6.053.208	21.857,1
Alemanha	16.614	7,0	19.110	2,3	839.828	3.073,2
Países Baixos	241.531	800,8	46.219	15,8	3.552	19,2
Espanha	0	0,0	0	0,0	156	0,9
Bélgica	0	0,0	43.557	17,7	84.020	33,8
EUA	29.012	5,6	18.367	6,6	16.431	4,6
Chile	10.200	2,6	21.600	130,8	7.870	67,4
Outros	33.406	109,9	38.233	12,9	906.477	3.114,3
Total	16.036.278	105.111,7	33.573.950	241.038,2	30.013.320	220.770,8

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior – MIDIC, elaboração própria

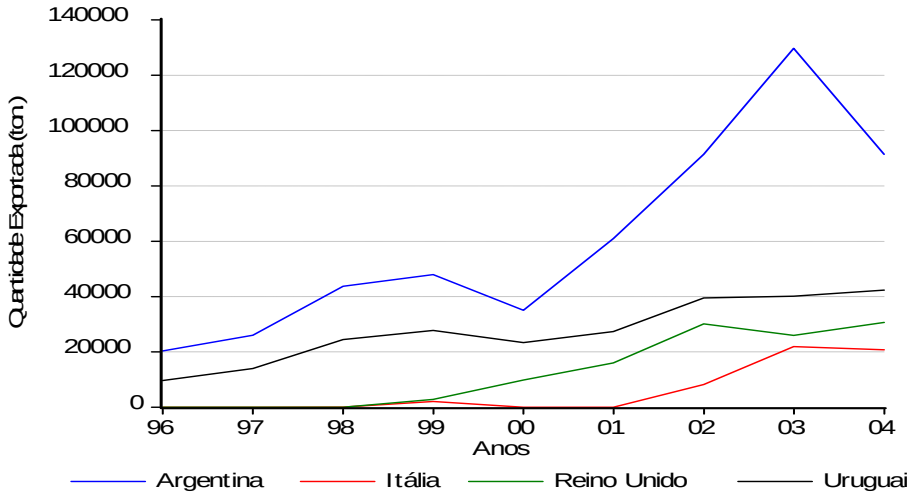

Figura 2. Evolução das Exportações Brasileiras para os Principais Países

2. METODOLOGIA

No âmbito econômico o termo competitividade abrange várias definições, apesar das divergências entre os autores quanto a esta definição, Horta et.al. (1993) apud Carvalho (2004), define três linhas conceituais acerca do termo: a visão macro, a visão desempenho e a visão eficiência.

A visão macro leva em consideração as variáveis de política econômica que interferem nas exportações do país, utilizando-se de mecanismos como taxa de câmbio, políticas de subsídios, entre outros visando aumentar a competitividade das exportações.A visão desempenho, por sua vez, está associada a participação das exportações de um país ou indústria ante o mercado internacional, enquanto a visão eficiência está voltada para a estrutura produtiva refletindo os ganhos de rentabilidade e eficiência.

Base Empírica

Neste trabalho consideramos a visão desempenho a fim de avaliar a competitividade através do comportamento e desempenho das exportações. Para tal, utilizou-se o Método Constant Market Share desenvolvido por Richardson (1971), o qual permite avaliar a contribuição de cada fator para explicar elevações ou decréscimos nas exportações.

O modelo parte do pressuposto de que o país analisado mantém uma parcela de mercado constante no comércio mundial de modo que o efeito competitividade surge como resposta para o diferencial entre o crescimento das exportações implícitas no modelo e sua efetiva performance.Esse efeito de competitividade não engloba os fatores explicativos, ou seja, estes serão identificados e discutidos na avaliação dos resultados, buscando na literatura econômica os possíveis fatores externos e internos que contribuíram para

desencadear os ganhos ou perdas de competitividade no período. A importância do modelo advém da possibilidade de se identificar os mercados potenciais e a importância de cada efeito nas exportações do país, contribuindo para o direcionamento das exportações para mercados mais dinâmicos, aumentando, assim sua rentabilidade.(Carvalho, 2004).

Este modelo permite decompor a variação das exportações em quatro efeitos: crescimento do comercio mundial, composição da pauta de exportações, efeito destino e efeito competitividade.

Quando analisamos o crescimento das exportações de um único produto descontamos o efeito composição da pauta, o que permite uma simplificação do modelo dado pela seguinte função matemática:

$$\Sigma (V'j - Vj) = rVj - \Sigma(rj - r)Vj + \Sigma(V'j - vj - rjVj) \quad (1)$$

onde:

Vj - valor das exportações de banana para o mercado J no período 1 (1996);

V'j -valor das exportações de banana para o mercado J no período 2 (2003);

V'j – Vj – crescimento efetivo do valor das exportações de banana para o mercado j;

rj = [(X'mj / Xmj) -1] - taxa de crescimento percentual do valor das exportações mundiais de banana para o mercado j;

r = [(X'm / Xm) -1] - taxa de crescimento percentual do valor das exportações mundiais de banana, do período 1 para o período 2;

X'mj – valor das exportações mundiais para o mercado j excluídas as exportações do país em foco no período 1;

X'mj – valor das exportações mundiais para o mercado j excluídas as exportações do país em foco no período 2;

Decompõem-se a equação (1) em três efeitos:

$$\sum_{j=1}^{n} rVj = \text{Efeito Crescimento}$$

$$\sum_{j=1}^{n} rjVj - \sum_{j=1}^{n} rVj = \text{Efeito Destino}$$

$$\sum_{j=1}^{n} V'j - \sum_{j=1}^{n} Vj - \sum_{j=1}^{n} rjVj = \text{efeito Competitividade}$$

O crescimento das exportações é dado pelo somatório dos seguintes fatores:

a) Efeito Crescimento do Comércio Mundial: se refere à variação percentual observado, caso as exportações do país acompanhasse proporcionalmente esta variação.

b) Efeito Destino: representa os ganhos (ou perdas) em termos da percentagem de crescimento das exportações para mercados que cresceram a taxas superiores (ou inferiores) à média observada para todos os países. Esse efeito aliado ao efeito destino representa a expansão e aquecimento dos mercados importadores, tratando-se de fatores exógeno.

c) Efeito Competitividade: surge como resíduo, refletindo ganhos ou (perdas) em função da própria competitividade incluindo diversos fatores como mudanças nos preços relativos, aumentos de eficiência, avanços tecnológicos que acarretam melhorias na qualidade do produto, além dos estímulos por parte do governo às exportações.

Fonte de dados

Os dados utilizados na pesquisa são de natureza secundária e referente a valores reais (deflacionados pelo índice do produtor agrícola americano IPP) com base no ano de 2000, abrangendo o período de 1996 a 2003. Estes dados foram obtidos através de meios eletrônicos, via internet através da base de dados disponibilizada pela Food and Agriculture Organization of the United Nations (FAO, 2005) e pela Secretaria de Comércio Exterior (MDIC, 2005), sistema AliceWeb. O mercado considerado foi definido pelos maiores importadores de banana do Brasil: Argentina, Uruguai, Reino Unido, Itália, Países Baixos, Bélgica, Estados Unidos, Espanha e Chile. Os demais países consumidores foram incorporados como "outros mercados".

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A subdivisão do período de análise permitiu uma melhor compreensão dos efeitos e fontes de crescimento. Para o primeiro período o valor das exportações mundiais de banana teve um decréscimo de 16,9% enquanto o Brasil apresentou um acréscimo de 90,9%. No segundo período essa diferença foi ainda maior as exportações mundiais cresceram apenas 8,8%, enquanto as exportações tiveram um acréscimo de 133,1%. As Tabelas 2 e 3 resumem as bases dos cálculos e seus resultados respectivamente para o primeiro período.

Quanto às fontes de crescimento das exportações brasileiras verificou-se que o efeito endógeno ou efeito competitividade, que reflete mudanças no preço relativo, por exemplo, foi preponderante para explicar o aumento das exportações nos dois períodos. No período de 1996 a 2000 o efeito competitividade foi de 109,8%, este juntamente com o efeito destino (8,9%) foram superiores ao ao efeito negativo do crescimento do mercado mundial de –18,7% garantindo o aumento das exportações no período.Apesar do efeito destino responder por apenas 8,9% do crescimento efetivo, seu efeito positivo significa que houve um aquecimento dos mercados no qual o Brasil destinou suas exportações, como foi o caso da Argentina.Em 2000 este país juntamente com o Uruguai representou 81,2% do volume total das importações provenientes do Brasil.

Na década de 80 com a crise econômica vivida pela Argentina, os preços mais atrativos da banana brasileira, aliado à uma relativa mudança na qualidade do fruto, resultante da organização das empresas nacionais, foram fatores que ajudaram a explicar a posição do Brasil como principal fornecedor do mercado argentino no início dos anos 90. (GONÇALVES, PEREZ, SOUSA,1994).

Tabela 2. Cálculos das Fontes de Crescimento das Exportações Brasileiras de banana, período 1996-2000.

Fonte: Elaboração própria

Mercado	Vj	V'	Xmj	X'mj	rj	rjVj	rVj
Argentina	3.764,9	5.489,3	71.685,0	79.966,7	0,12	435,0	-640,0
Uruguai	2.630,1	3.183,2	14.067,1	8.696,8	-0,38	-1.004,1	-447,1
Reino Unido	0,0	2.646,7	522.996,2	480.439,3	-0,08	0,0	0,0
Itália	0,0	0,0	400.069,3	315.581,0	-0,21	0,0	0,0
Holanda	0,0	779,9	139.746,9	90.714,1	-0,35	0,0	0,0
Bélgica	0,0	185,2	0,0	504.072,8	-1,00	0,0	0,0
EUA	0,0	4,4	1.423.166,2	1.317.480,6	-0,07	0,0	0,0
Espanha	0,0	33,9	151.289,8	66.683,8	-0,56	0,0	0,0
Chile	57,2	11,5	39.238,1	39.249,5	0,00	0,0	-9,7
Outros	23,5	25,1	4.577.213,0	3.192.688,9	-0,30	-7,1	-4,0
Total	6.475,8	12.359,2	7.339.471,7	6.095.726,9	-0,17	-576,2	-1.100,9

Tabela 3. Decomposição das fontes de crescimento das exportações brasileiras de banana no período de 1996-2000.

Variáveis	Valor (US$ 1.000)	%
Exportações brasileiras em 2000	12.359,1	_
Exportações brasileiras em 1996	6.475,8	_
Crescimento Efetivo	5.883,3	100,0
Efeito Crescimento	-1.100,9	-18,7
Efeito Destino	524,7	8,9
Efeito Competitividade	6.460,0	109,8

Fonte : dados da FAO (2005), Elaboração Própria

No segundo período (2000-2003) o efeito exógeno dado pelo destino das exportações foi de (-40,9%) indicando um retração no mercado importador, conforme mostra a Tabela 4. Dentre os principais países importadores do fruto, com exceção do Reino Unido houve uma redução no quantum mundialmente comercializado. A Argentina que importou 339,9 mil toneladas do fruto no ano 2000 passou a importar 286,3 mil toneladas em 2003 apresentando a maior queda no período com (-15,8%), enquanto o Uruguai e Reino Unido essa queda foi de (-12,3%) e (-1,3%) respectivamente. No entanto, o efeito competitividade da ordem de 134,9% aliado ao efeito crescimento de 6,0% foram suficientes para eliminar esse efeito negativo de retração do comércio. A tabela 5 permite fazer uma comparação entre os períodos analisados indicando as taxas de crescimento das exportações brasileiras e mundiais. Pôde-se constatar, como visto anteriormente que o país tem obtido um desempenho favorável com relação ao resto do mundo.

Tabela 4. Decomposição das fontes de crescimento das exportações brasileiras de banana no período de 2000-2003.

Variáveis	Valor (US$ 1.000)	%
Exportações brasileiras em 2003	28.812,8	_
Exportações brasileiras em 2000	12.359,1	_
Crescimento Efetivo	16.453,7	100,0
Efeito Crescimento	988,7	6,0
Efeito Destino	-6.733,3	-40,9
Efeito Competitividade	22.198,3	134,9

Fonte de dados da FAO (2005), Elaboração Própria

No segundo período (2000-2003) o efeito exógeno dado pelo destino das exportações foi de (-40,9%) indicando um retração no mercado importador, conforme mostra a Tabela 4.Dentre os principais países importadores do fruto, com exceção do Reino Unido houve uma redução no quantum mundialmente comercializado. A Argentina que importou 339,9 mil toneladas do fruto no ano 2000 passou a importar 286,3 mil toneladas em 2003 apresentando a maior queda no período com (-15,8%), enquanto o Uruguai e Reino Unido essa queda foi de (-12,3%) e (-1,3%) respectivamente. No entanto, o efeito competitividade da ordem de 134,9% aliado ao efeito crescimento de 6,0% foram suficientes para eliminar esse efeito negativo de retração do comércio. A tabela 5 permite fazer uma comparação entre os períodos analisados indicando as taxas de crescimento das exportações brasileiras e mundiais. Pôde-se constatar, como visto anteriormente que o país tem obtido um desempenho favorável com relação ao resto do mundo.

Tabela 5. Taxas de crescimento das exportações mundiais e brasileiras e suas fontes de crescimento em %

Variável	Período	
Taxas de Crescimento	1996/2000	2000/2003
Exportações brasileiras	90,9	-16,9
Exportações mundiais	133,1	8,8
Fontes de Crescimento		
Efeito Crescimento	-18,7	6,0
Efeito Destino	8,9	-40,9
Efeito Competitividade	109,8	134,9

Fonte: Elaboração própria

No segundo período houve significativas elevações das exportações brasileiras destinadas aos mercados que anteriormente eram pouco dinâmicos como é o caso da Itália e dos Estados Unidos. Apesar disso, estes mercados estão longe de alcançar o patamar dos maiores importadores do fruto brasileiro. De acordo com Matthiesen (2003), o fruto brasileiro não atinge as qualidades exigidas no mercado europeu e norte-americano, além disso, as dificuldades surgem devidas às barreiras impostas, principalmente pela União Européia, e a existência de multinacionais que controlam a comercialização no mercado mundial.

As dificuldades de inserção da fruta brasileira no mercado europeu advinham de tratamentos pre- ferenciais, países como a França e Grã-Bretanha privilegiavam as importações advindas das sua ex-colônias da África, Caribe e Pacífico (ACP), de modo que as diversificações das importações ficava por conta do mercado britânico.(GONÇALVES, PEREZ, SOUZA, 1994).

Em 1993 a União Européia adotou um sistema de cotas de comercialização administrada mediante o regime de licenças na Organização Comum do Mercado (OCM) da banana, esse fato aliado às elevadas tarifas gerou uma disputa comercial entre os Estados Unidos e a União Européia na última década.Diante do novo regime as multinacionais Dole Food e a Del Monte Fresh intensificaram suas articulações nos países que recebem tratamentos preferencias, através de joint-ventures e optando pela diversificação de novos cultivares (FIORAVANÇO, 2003).

Gonçalves e Souza (1998) destacam que as grandes multinacionais investem maciçamente tanto na organização da produção como em logística obtendo assim posição hegemônica no contexto internacional. Ademais ressaltam os seguintes entraves para o baixo desempenho do setor do setor exportador brasileiro de frutas frescas, dentre eles, a falta de uma política que propicie a consolidação de infra-estrutura compatível com o desempenho agrícola do país, os efeitos das políticas de juros e câmbio sobre os preços, além do processo de abertura indiscriminada do mercado, ou seja, como alguns países destinam amplos subsídios a agricultura e o Brasil não tem essa capacidade, o produtor brasileiro pode estar sujeito à concorrência desleal como a prática de dumping[1].

[1] Considera-se como *dumping* a prática de preços abaixo do custo de produção visando obter maior fatia de mercado, estando sujeito às punições vigentes do GATT /OMC.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de estar entre os maiores produtores mundiais e ter revelado um aumento no volume exportado no período de 1996 a 2003 o Brasil não se caracteriza como um potencial exportador do fruto, se comparado a outros países como o Equador e Costa Rica.Políticas que incentivem as exportações e que propiciem a capacitação dos agentes no processo de armazenamento e comercialização poderão reverter esse quadro colocando o país entre os principais exportadores mundiais já que se pôde observar uma conquista de mercados como a Itália, Bélgica e Estados Unidos. Vale ressaltar que a articulação dos agentes produtivos e o papel do governo podem dinamizar esse cultivo através da implantação de pólos e cadeias produtivas, gerando empregos com a instalação de indústrias para fabricação de produtos processados auferindo, assim maior valor agregado no mercado mundial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, F. M. de A. Método "Constant market share".In : SANTOS, M. L. dos; VIEIRA, W. da C. Métodos quantitativos em economia. Viçosa, MG: UFV,p.225, cap.8,2004

FAO. Food Agriculture Organization: Faostat Database. Agricultural production; agriculture & Food trade. Disponível em:< http://www.fao.org> Acesso em 20.03.2005

FIORAVANÇO, J. C. Mercado mundial de banana: produção, comércio e participação brasileira. Informações Econômicas, São Paulo, v.33 n.10, out. 2003.

GONÇALVES, J. S.; SOUZA, S. A.M. Por que o Chile exporta mais que o Brasil? Informações Econômicas, São Paulo, v.28, n.5, p.54-57, maio de 1998.

_____; PEREZ, L. H.; SOUZA S. A. M. Mercado internacional e produção de bananas:a estrutura produtiva e comercial do complexo bananeiro mundial. Agricultura em São Paulo, São Paulo, v.41, t. 3, p. 1-52, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: < http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em fev. 2005

MATTHIESEN, M. L.;BOTEON, M. Análise dos principais pólos produtores de banana.Disponível em <http://www.cepea.esalq.up.br/pdf/banana.pdf.>Acesso em mar. 2005

MIDIC – Ministrerio do Desenvolvimento, Industria e Comercio Exterior. AliceWeb. Disponível em: <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br > Acesso em 15.02.2005.

SILVA, E. M. F. da.(coord.).Estudos sobre o mercado de frutas. Brasília, DF: Fipe,1999.

ANEXO 1.

Tabela A-1. Valor das Exportações do Brasil para os principais importadores e o resto do Mundo.

País	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Argentina	3.620.140	4.568.888	7.074.722	6.758.345	5.489.266	7.953.801	18.036.321	11.698.951	7.594.485
Uruguai	2.528.917	3.693.604	4.315.498	4.061.838	3.183.169	3.241.858	3.931.229	3.747.394	4.340.284
Reino Unido	0	0	0	854.914	2.646.743	4.526.470	9.213.868	7.488.961	8.325.431
Itália	0	0	16.887	546.804	0	0	2.216.782	6.053.208	5.705.693
Países B. (Holanda)	0	70.471	43.506	149.991	779.852	241.531	46.219	3.552	165.962
Bélgica	0	0	0	0	185.213	0	43.557	84.020	24.940
EUA	0	3.593	0	7.311	4.388	29.012	18.367	16.431	8.691
Espanha	0	24.847	157.711	86.655	33.855	0	0	156	4.512
Chile	55.040	12.160	16.000	7.840	11.482	10.200	21.600	7.870	108
Resto do Mundo	22.607	8.718	4.538	44.314	25.149	33.406	46.007	912.777	813.137
Total	6.226.704	8.382.281	11.628.862	12.518.012	12.359.117	16.036.278	33.573.950	30.013.320	26.983.243

Fonte: AliceWeb. Elaboração própria